

O DILEMA DA PÓS-VERDADE EM TEMPOS DE PROMESSAS NÃO CUMPRIDAS

THE POST-TRUTH DILEMMA IN TIMES OF BROKEN PROMISES

Amarildo Luiz Trevisan¹
Patrício Ceretta²

RESUMO: O presente artigo busca discutir o tema da pós-verdade sob o aspecto das implicações que a mesma provoca no fazer dos professores. Procura identificar a sua relação com o conceito de pós-modernidade, buscando apontar alternativas frente à relativização da verdade em detrimento de uma supervalorização do sentimento e o declínio da razão. O desafio agora é repensar alternativas à forma como eles se estruturam num tempo de promessas não cumpridas. A partir das reflexões, pode-se perceber que o nosso tempo – de *fake news*, de guerra cultural e pós-verdade – possui particularidades muito específicas que podem influenciar positiva ou negativamente a formação de professores e a educação como um todo.

Palavras-chave: Formação de professores. Pós-verdade. Pós-modernidade.

ABSTRACT: This article seeks to discuss the post-truth theme from the point of view of the implications that it causes in the work of teachers. It seeks to identify its relationship with the concept of postmodernity, seeking to point out alternatives against the relativization of truth to the detriment of an overvaluation of feeling and the decline of reason. The challenge now is to rethink alternatives to the way they are structured in a time of broken promises. From the reflections, it can be seen that our time – of *fake news*, of culture war and post-truth – has very specific particularities that can positively or negatively influence teacher training and education as a whole.

Keywords: Teacher training. Post-truth. Postmodernity.

INTRODUÇÃO

Gostaríamos de começar esse artigo com a gravura do artista Espanhol Francisco José de Goya y Lucientes (1746-1828). “Verdade Morreu”, é uma gravura deixada pelo autor elaborada em 1814. Ela faz parte da coleção de 82 gravuras pintadas por Goya entre 1810 e 1814, intitulada “Os desastres da guerra”, que retrata os conflitos dos espanhóis contra o

¹Professor Titular do PPG Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Docente Colaborador do PPG Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Coordenador do PPG Educação - Mestrado e Doutorado - UFSM (2012-2014). Atua na linha de Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, interessando-se pelos temas relacionados à formação de professores: biopolítica, violência, tecnologia, formação, imagem e catástrofe. E-mail: trevisanamarildo@gmail.com

²Doutorando em Educação, linha de pesquisa, formação de professores (Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2018), Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - ESTEF (2010) e graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRs (2009). E-mail: patricioceretta@yahoo.com.br

domínio de Napoleão, que havia invadido a península Ibérica. Ela diz muito para nosso tempo, visto que representa a morte da verdade, que estava presente no campo de batalha da época, como também neste tempo que vivemos de guerra cultural. Popularizada no Brasil em tempos de predomínio da internet e das redes sociais, a expressão guerra cultural significa a designação de conflitos de uma sociedade que se encontra dividida entre democracia e segregação, tradicional ou revolucionária. Sendo a arte testemunha da história, ela é sempre atual e provocativa. No entanto, ainda que a verdade esteja aparentemente morta, ela continua a irradiar luz, mesmo que seus observadores, inclusive potentes autoridades, permaneçam nas sombras.

Figura 1
A verdade morreu – Francisco Goya, 1814



Fonte: Coleção “Los desastres de la guerra”

Há uma tentativa de soterramento da verdade por um dos representados, há quem fique de costas para a verdade, mesmo que ela não represente nenhum perigo. Há uma contraposição entre o corpo desnudo e o rosto jovem da verdade, que está iluminada com semblante sereno, e os rostos assustados e desfigurados dos homens adultos que a olham de forma inclemente. Eles estão vestidos com túnicas pesadas, o que dificulta o seu

reconhecimento, mas pode-se perceber que representam segmentos de altos extratos da sociedade que provavelmente provocaram a morte da verdade.

Essa gravura concebe a falência de uma concepção de autoridade vertical, meramente instrumental e fundamentalista. Ela é representativa e sutil sob diferentes aspectos, um deles é o personagem que possui uma pá, que parece estar tentando soterrar a verdade. Outros personagens possuem uma postura de negação, alguns não querem olhar a verdade por isso viram de costas, representando frações da sociedade que não aguentam ver o seu brilho ao colocar mãos nos olhos, ou ainda não conseguindo mostrar o rosto de forma clara devido ao constrangimento que a presença da verdade causa. Atualizando o sentido dessa imagem, acreditamos que são diversas as formas pelas quais hoje se pode identificar que a “verdade morreu”, e, se não morreu, agoniza ou está em suspenso devido à insistência e às novas formas de disseminação de *fake news*. É certo que desde que a humanidade existe, verdade e mentira coexistem e uma parte acusa a outra de golpear a verdade, valendo-se da mentira. Para além da discussão da morte da verdade, o que se quer trazer com essa gravura é deixá-la nos provocar como ponto de partida para a reflexão sobre o tema da autoridade docente em tempos de pós-verdade e a sua relação com o conceito de pós-modernidade. De modo particular, por desejarmos compreender melhor o que vem a ser o conceito de pós-verdade e onde ele apoia suas raízes.

PÓS-VERDADE: característica e definição

Para adentrar especificamente o tema da pós-verdade, suas características e definições, faz-se oportuno retomar a reflexão proposta por Hobsbawm (1995), em sua conhecida obra “A era dos extremos: O breve século XX; 1914/1991”. Nessa obra o autor repassa fatos e acontecimento que marcaram o século passado. Adentrando na reflexão sobre o termo “pós”, ele afirma que:

Quando enfrentam o que seu passado não as preparou para enfrentar, as pessoas tateiam em busca de palavras para dar nome ao desconhecido, mesmo quando não podem defini-lo nem o entender. Em determinado ponto do terceiro quartel do século, podemos ver esse processo em andamento entre os intelectuais do Ocidente. A palavra-chave era a pequena preposição “após”, geralmente usada na forma latinizada “pós” ou “post” como prefixo para qualquer dos inúmeros termos que durante algumas gerações foram usados para assinalar o território mental da vida no século XX. O mundo, ou seus aspectos relevantes, tornou-se pós-industrial, pós-imperial, pós-

moderno, pós-estruturalista, pós-marxista, pós-Gutenberg, qualquer coisa. Como os funerais, esses prefixos tomaram conhecimento oficial da morte sem implicar qualquer consenso, ou na verdade certeza, [...]. (HOBSBAWM, 1995, p. 225).

A questão do uso da palavra “pós” e como a mesma foi sendo usada por intelectuais, parece fazer sentido ainda hoje, uma vez que não sabemos bem definir ou caracterizar esse tempo que estamos chamando de pós-verdade. Mas o prefixo “pós” nos ajuda nesse “tatear” na escuridão da incerteza em busca do conhecimento que está sendo elaborado. Podemos supor que o que subjaz no centro da questão é a temática da verdade, assim como indicado na gravura de Goya acima apresentada. Ainda que, talvez, nunca tenha estado ocupando papel tão central na história da humanidade, pode-se depreender que a humanidade tentou achar um meio termo que equacionasse a relação entre verdade e ficção, para que desse modo pudéssemos organizar minimamente a convivência social. No entanto, esse tensionamento para o lado da ficção foi esgarçado nos últimos tempos em função do incremento das tecnologias criadas a partir da chamada terceira revolução industrial (1950 a 2010). Especialmente, com a substituição da mecânica analógica pela digital, pelo uso de microcomputadores, criação da internet e das redes sociais e a invenção da robótica. Isso tem se acentuado a partir da entrada da quarta revolução industrial, iniciada em 2011, que está conectando todas as tecnologias existentes com o objetivo de acelerar a produção e o consumo de bens e serviços (SCHWAB, 2016).

A verdade é que o sistema educacional não tem conseguido, minimamente, acompanhar algo que já está determinando comportamentos e atitudes das populações de modo geral. No caso da verdade, o termo “pós” absolutamente não quer dizer que a verdade morreu, no sentido literal do termo. Como bem representou metaforicamente o pintor Goya, ela se tornou obsoleta para as autoridades de plantão, de forma que a partir de agora, para o tempo da pós-verdade, poderíamos viver às expensas desse princípio elementar da convivência social. Ou seja, a questão basilar reside em como tratar ou se relacionar com a verdade neste tempo em que o virtual tomou o lugar do que até então era tido como real. Sendo assim, faz-se necessário entender que não é a verdade em si que não cumpriu seu papel de veracidade ou de ser verdadeira, mas é preciso compreender que tudo que é prometido, se não for cumprido, gera uma reação de frustração para aquele a quem se prometeu. E a verdade foi uma das grandes promessas da modernidade, junto com a

felicidade, riqueza, justiça social, sucesso pessoal, etc, que não se cumpriu, o que deu espaço para a entrada da pós-modernidade e, mais recentemente, do discurso da pós-verdade.

DA PÓS-MODERNIDADE À PÓS-VERDADE E O (DES)ENTENDIMENTO SOBRE A VERDADE

É na produção, compartilhamento e na forma de nos relacionar com o conhecimento que podemos perceber um tempo de significativas mudanças. Nesse momento, desejamos expressar de maneira breve alguns indicativos sobre o que se configuraria como pós-verdade em sua relação com a pós-modernidade, principais características e como elas se apresentam para o nosso tema. Cabe salientar que a pós-verdade não é uma expressão inteiramente nova, dado que a primeira vez que se tem registro desse conceito foi em 1992 em um artigo de Steve Tesich, na revista *The Nation*. Nesse artigo, referindo-se ao povo americano, ele salienta que “nós, como pessoas livres, decidimos livremente que queremos viver em algum mundo pós-verdade” (TESICH, 1992, s. d.). Essa afirmação contundente indica uma relativização da verdade e a opção livre de acreditar naquilo que se quer, mesmo tendo consciência de que tal opção pode trazer consequências nefastas ao tecido social.

O autor alerta para os perigos da erosão da democracia quando a sociedade e os governos optam por relativizar a verdade, uma vez que a queda da democracia dá espaço ao florescimento de regimes totalitários, em que os indivíduos são cerceados na possibilidade de questionar algo, expressar pensamento crítico e construir uma sociedade pautada na confiança e na relação humanizadas. Ainda para Tesich, a opção de viver em um ‘mundo pós-verdade’ tem mudanças estruturais inclusive na educação, um processo lento e gradual ao ponto de “chegamos ao consenso nacional falho de que há uma crise em nosso sistema educacional”. Uma crise que se apresenta pois, simplesmente, “não queremos que eles sejam bem educados” porque a educação leva a um confronto que o governo quer evitar (TESICH, 1992, s. d.). Há uma questão latente e necessária ao nos perguntarmos: a crise da autoridade docente não está relacionada à vivência dos princípios da pós-verdade ou da relativização da verdade? Antes de responder pontualmente a essa questão, precisamos consensualizar minimamente o que venha ser a verdade, já que essa questão está latente no termo pós-verdade.

Num primeiro momento pode parecer um tempo posterior ao que fora pautado pela verdade. No entanto, a questão não é bem essa: na base parece estar o que fora expresso por

Hannah Arendt (1993) em seu escrito sobre filosofia e política. Nesse escrito a autora retoma a condenação de Sócrates como sendo o expoente da cisão entre filosofia e política, isso porque de um lado Sócrates, através de seus argumentos, tentava atestar a verdade. De outra parte, os juízes, representantes da polis (político), construíram uma narrativa pautada na retórica, no jogo argumentativo e sofista, que acaba por vencer e ter como resultado não só o julgamento, mas a condenação de Sócrates. A relação entre filosofia e política é retomada com Platão (discípulo de Sócrates) com a preocupação de pautar a questão da verdade como critério argumentativo. Por isso, segundo Arendt (1993), a filosofia de Platão é eminentemente política. Na sua reinterpretação de Sócrates, ela afirma:

[...] o oráculo de Delfos celebrou Sócrates como o mais sábio de todos os homens por ter aceitado as limitações da verdade para os mortais, limitações pelas dokein, aparências, e ter descoberto, ao mesmo tempo, opondo-se aí aos sofistas, que a doxa não era nem ilusão subjetiva, nem distorção arbitrária, mas, ao contrário, era aquilo a que a verdade invariavelmente aderiria [...] Pois ele pensava que havia, ou deveria haver, tantos logoi diferentes quantos homens existissem e que todos esses logoi juntos formavam o mundo humano, já que os homens vivem juntos no modo de falar. (ARENDR, 1993, p. 100)

Fica evidente para a autora, ao se referir a Sócrates, que ele tem uma importância decisiva para o pensamento ocidental porquanto aceita as limitações da verdade às opiniões construídas de forma aparente (“dokein”). Por isso que, sobre os sofistas, Platão deixou registrada no diálogo de Sócrates com Górgias a afirmação de que a retórica por ele utilizada não seria uma arte argumentativa, como era a racional, mas apenas uma habilidade experimentada como um orador político (PLATÃO, s. p.). Em nosso estudo, tanto a “dokein” quanto a “doxa” (crença sem relação com a razão) nos ajudam a entender a própria dinâmica da pós-verdade e de que forma ela vai influencia no pensar e agir das pessoas. De modo simplificado, a linguagem usada pela pós-verdade se assemelha à retórica usada pelos sofistas gregos, que nada mais era do que uma técnica de convencimento sem compromisso com a verdade, mas é convencimento que se utiliza de retórica ilusória e arbitrária porque apela à emoção. A diferença talvez esteja no fato de que agora o ambiente não é mais a praça, mas os espaços digitais onde acontecem as trocas argumentativas que amplificam exponencialmente muitas vezes a repercussão de qualquer assunto.

Para além da compreensão filosófica de Sócrates e Platão, “em geral, entende-se por verdade a qualidade em virtude da qual um procedimento cognoscitivo qualquer se torna eficaz ou obtém êxito” (ABBAGNANO, 2007, p.994). Ademais, verdade, em sua definição,

leva em conta outras máximas como correspondência, revelação, conformidade a uma regra, coerência, unidade, além de conhecimento, operação mental, relevância e honestidade.

Para melhor entender qual é mesmo a definição de verdade, para assim chegar à pós-verdade, faz-se necessário compreender que suas raízes são capilarizadas em diferentes questões do substrato social e relacional, como é o caso da quebra da confiança e da honestidade, a fragilidade das instituições democráticas, o aumento da indústria da desinformação, a carência de uma utopia que mova a humanidade em uma direção comum, enfim, todos esses elementos para dizer que na base originária da pós-verdade está a pós-modernidade.³ Segundo Junior (2021, p. 277), há um “consenso em torno da centralidade da pós-modernidade, entendida como alicerce epistemológico do fenômeno” pós-verdade. Pode-se dizer que, paradoxalmente, algumas características da pós-modernidade estão relacionadas à anulação do indivíduo como um ser pensante, solidário, possuidor de ideias próprias, criativo e cooperativo, tornando-o um ser de consumo, envolto pelas mídias, de modo particular pela mídia eletrônica. Ela trouxe em sua carona o imediatismo e a necessidade de fazer tudo com dinamismo e urgência, sem muito tempo para fazer processos reflexivos ou distinções.

Dinamizou a construção de uma sociedade do progresso individual, do conhecimento científico, cultivando ao mesmo tempo certa incredulidade em relação ao mesmo. “O pós-modernismo é notoriamente resistente à definição exata, até o ponto em que alguns negam que possui alguma coerência como escola de pensamento” (D’ANCONA, 2018, p. 84). Talvez a questão não seja apenas se tem capacidade de coerência suficiente para formar “escola”, mas é fato que está entranhado no tecido social e lá produz seus efeitos no indivíduo, de modo singular no fazer do professor e na educação. Como característica desse ser humano pós-moderno, podemos considerar que ele é globalizado, conectado vinte e quatro horas por dia, relativista, indiferente. Sua percepção é de que as distâncias ficaram mais curtas, pois em um *clik* a pessoa, em tempo real, virtualmente está ou se conecta com diferentes lugares do planeta. Outra característica é um ser preocupado com a própria imagem, por isso o termo em inglês *self* (si mesmo), que até então era reservado à psicologia (JUNG, 1982) ou a área filosófica com pensadores como Descarte, Locke e Ricoeur. Atualmente *self* tornou-se sinônimo de registro fotográfico de si mesmo a ser compartilhado

³ A critério de definição “A palavra pós-modernismo se refere em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico” (EAGLETON, 1998, p. 2.).

nas redes sociais e, por conseguinte, a necessidade de gerar “curtidas”, mostrar-se feliz ainda que profundamente triste. Dessa forma, o que sempre foi reservado ao mundo privado, se torna público e sem reservas.

Os favoráveis à pós-modernidade afirmam que os benefícios oferecidos pelo desenvolvimento das tecnologias da informação às pessoas são positivos e benéficos. A questão é quem de fato é beneficiado com essas tecnologias e se as mesmas chegam até as camadas mais desassistidas da sociedade. A situação exposta pela pandemia, especialmente na área da educação, é que justamente a classe popular teve muita dificuldade ou não teve acesso a tais benefícios, seja porque não havia infraestrutura suficiente, seja porque não havia recursos econômicos e nem conhecimento para usufruir de tais ferramentas. Ainda sobre os benefícios das novas tecnologias, é justamente no quesito do seu uso e na difusão das informações que reside o hiato. Embora haja alguns avanços nesse sentido, especialmente da legislação, de um lado há problemas por não haver consenso de critérios claros no uso e na disseminação das informações por elas produzidas e, por isso, distribuídas sem critérios, e por vezes validadas por opiniões. De outra parte, a produção e distribuição das informações é reservada a quem tem poder econômico, fazendo com que o conhecimento seja tratado como mercadoria, além de condenar a grande maioria da população a viver à margem do conhecimento e à sombra daquilo que é oferecido como informação ou como oferta de consumo. A compreensão de que a pós-verdade tem raízes no pós-modernismo é sustentada por diferentes autores; um dele é Keyes (2018), um dos primeiros autores a teorizar sobre o tema da pós-verdade. “Esse autor, no decorrer de todo livro, sustenta que o problema da pós-verdade é a atitude do público com relação às mentiras, erodidas pela complexificação social” (ANDRIOLO, 2021, p. 53). Indo um pouco mais a fundo em sua percepção da obra, afirma que o pós-modernismo deixa seu legado na ao permitir a justificativa de que a falsidade é algo honesto; sendo assim, assume uma postura relativista em relação à própria verdade das coisas. Já sobre o pós-modernismo, Keyes (2018, p. 138) afirma que:

Para os pós-modernistas devotos não existe verdade literal, apenas o que a sociedade rotula como verdade. E por isso eles chamam conceitos de verdade de constructos sociais, os quais variam de sociedade para sociedade, de grupo para grupo e de indivíduo para indivíduo.

Para além da compreensão de que a verdade seria variável de acordo com o grupo pertencente e indivíduos, o autor afirma que, para os adeptos do pós-modernismo, não

haveria uma verdade literal, só o que a sociedade diz ser verdade. É preciso ponderar, entretanto, que a sociedade é formada por pessoas que se organizam coletivamente e por princípios e valores. Sociedade é uma denominação que pode ser muitas coisas ao mesmo tempo e, por conseguinte, generalista. Na atualidade, algumas pessoas tomam para si a tarefa de produzir uma verdade divulgando-a como “verdade literal”, quando efetivamente é apenas uma percepção pessoal, e não raro às vezes direcionada com o intuito de formar opinião: “Eles apontam que, além disso, as noções tradicionais de verdade têm sido utilizadas para justificar a opressão” (KEYES 2018, p. 138). A afirmação expõe a finalidade de tal entendimento e as reais intenções pelas quais o pós-modernismo relativiza a verdade. “Aqueles que apontam isso consideram que seja seu dever minar, ou ‘desconstruir’, a própria noção de verdade objetiva com um suporte para o privilégio” (Keyes, 2018, p. 138). Em uma linha de pensamento voltada para a dimensão intelectual e dos fundamentos, D’Ancona (2018, p.84) afirma que a pós-verdade tem suas raízes mais profundas na base intelectual do pós-modernismo e, se não for levado isso em conta, corre-se o risco de não conseguir compreender, muito menos posicionar-se frente à pós-verdade. Segundo ele:

A era da pós-verdade possui sua própria geologia intelectual – uma base na filosofia pós-moderna do final do século XX, frequentemente obscura e impenetrável, que foi popularizada e destilada ao ponto de se tornar reconhecível – Embora sem citação de fontes de muitos aspectos da cultura contemporânea. (D’ANCONA, 2018, p.84)

Ainda segundo o autor, parece haver um fundamento próprio, esforço intelectual ou base teórica por parte de quem acredita na potencialidade da pós-verdade e está assentada na teoria da pós-modernidade, ainda que em conformidade se apresente como reação à mesma; parece contraditório, mas a pós-verdade, de certa forma, aceita as reflexões propostas pela mesma. No entanto, o autor adverte para o perigo de produzir uma reflexão desconexa da realidade da vida, feita somente a partir de conjecturas e percepções individualizadas e isoladas pautadas por sensações.

PÓS-VERDADE: definição, sentimento ou razão

Esses indicativos da pós-modernidade acima descritos contribuem para a formação de terreno fértil para a chamada pós-verdade. Para Cristian Dunker, a pós-verdade é uma reação negativa ao programa político e cultural da pós-modernidade, e ainda, “a pós-

verdade é o falso contrário necessário do pós-modernismo” (DUNKER, 2017, p.12). Desde esse ponto de vista, o autor complementa que:

A pós-verdade seria então uma espécie de segunda onda do pós-modernismo. Sua consequência é ao mesmo tempo lógica e reveladora da verdade brutal e esquecida na qual ambas se apoiam. Assim como pós-modernidade, o debate relevante sobre, afinal, como deveria entender a modernidade e principalmente o subjetivismo, penso que a pós-verdade inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender sobre verdade e sobre autoridade que lhe é suposta. (DUNKER, 2017, p.13).

O autor deixa explícito a relação da pós-modernidade e a pós-verdade e a lógica que entrelaça as duas, de uma parte um subjetivismo exacerbado e, de outra, uma reflexão prática acerca da finalidade da pós-verdade. Ou seja, algo tão significativo que provoca ruptura inclusive sobre princípios básicos de nosso convívio, como é o caso do conceito de democracia, direitos humanos, conhecimento científico e do que venha a ser verdade, bem como a sua validade no atual contexto. Na contemporaneidade quem também reflete sobre essa questão colocando mais algumas afirmações e perguntas pertinentes é Harari, quando afirma que: “Os humanos sempre viveram da era da pós-verdade. O homo sapiens é uma espécie da pós-verdade, cujo poder depende de criar ficção e acreditar nelas” (2018, p.289).

De forma contundente argumenta que o ser humano conquistou domínio do planeta pela capacidade de construir, de forma coletiva, conhecimento e “inventar” coisas e disseminar tal conhecimento. A afirmação apresentada é antecedida por perguntas: “Mas se essa é a era da pós-verdade, quando, exatamente, foi a era de ouro da verdade? [...] E o que desencadeou a transição para a pós-verdade?” (HARARI, 2018, p. 289). Objetivamente não responde às questões, no entanto, no desenrolar da argumentação evidencia o fato de que, ao longo da história da humanidade, sempre houve um embate entre o que seria verdadeiro e uma narrativa que ele chama de ficção. E é nesse jogo argumentativo que foi se construindo o conhecimento e a compreensão sobre nós mesmos. Vale salientar que é oportuna a proposição de que o ser humano, ou “homo sapiens” é um ser que cria ficção e acredita naquilo que cria, até mesmo deseja que os demais acreditem naquilo que é afirmado. Alhures a questão de o ser humano ser desde sempre alheio à verdade, talvez tenha certa imprecisão, de certa forma o que há é um tensionamento entre aqueles que defendem haver uma verdade mais ampla e aqueles que diante desse argumento procuraram criar uma outra versão sobre os fatos.

Além disso, a compressão de Harari (2018) é um tanto literal, no sentido de que haveria um tempo pautado pela verdade enquanto que, em outro, não mais. No entanto o que se discute com a pós-verdade é a relativização e a instrumentalização do que é veraz em vista de alcançar um objetivo determinado. Sobre quando teria começado tal período, parece estar indicado justamente no argumento apresentado pela caracterização do dicionário Oxford. A fim de definição, ainda que definir algo nesse sentido seja problemático, podemos afirmar que a pós-verdade traz o dilema de que as circunstâncias de um fato têm menos influência na formação de opinião do que a crença que a pessoa tem em determinada informação. Literalmente o dicionário Oxford, ao fazer anúncio da palavra do ano de 2016, define da seguinte forma: “*Pós-verdade* é um adjetivo definido como relacionado a ou denotando circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Oxford Languages, 2016).

Adentrando nessa definição original, o dicionário Oxford apresenta em sua argumentação da palavra em questão o fato de que o prefixo “Pós” não quer designar um tempo posterior a um evento específico simplesmente, mas de modo particular remete ao fato de que o conceito em questão (verdade) se tornou pouco importante ou irrelevante na atualidade, ao ponto de perder o valor representativo em detrimento daquilo em que o indivíduo quer acreditar. Dessa forma, acaba por pautar os temas a serem discutidos em nível pessoal, econômico e político. Outra questão significativa que a definição nos apresenta é o fato de os acontecimentos em si terem pouco impacto na formação de opinião coletiva, se comparados com os apelos emocionais e a crenças pessoais. O que isso significa na prática? Significa que fatos objetivos perderam a posição de referência para argumentação pautada por emoções, fazendo com que toda a percepção, por mais absurda que seja, passe a ser tomada como referência e, dependendo da intensidade com que é difundida, seja dada como referência para outros argumentos, ao menos por um período de tempo, já que não tem um compromisso com a realidade, muito menos com a verdade dos fatos. Na mesma linha de compreensão, a Academia Brasileira de Letras no ano de 2021 também acrescentou, na relação de novas palavras do vocabulário brasileiro, o termo pós-verdade. Segundo a definição proposta pelos imortais, pós-verdade é:

[...] informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção, e que, tomando como base crenças difundidas em detrimento de fatos apurados, tende a ser aceita como verdadeira, influenciando a opinião pública e comportamentos sociais. (Academia Brasileira de Letras, 2021)

Fica evidente a preocupação com a distorção da verdade ou da realidade fruto de um apelo emocional exacerbado, a substituição de crenças pessoais em relação a fatos cientificamente comprovados e amplamente divulgados, as crenças por sua vez, substituem uma verdade investigada e consolidada, sendo aceitas como verdadeiras. O resultado dessa mudança se mostra na influência massiva da opinião pública e, por conseguinte, no comportamento social. Nesse sentido de mudança do comportamento social, isso pode ser identificado em inúmeros aspectos, entre eles, no aumento dos índices de violência, já que há uma mudança nos valores sociais. Parece evidente também, nessa primeira parte da definição uma preocupação com a verdade e a necessidade de tê-la como referência para manter a sociedade minimamente organizada e com funcionalidade. Dessa forma não dá espaço para interpretações difusas e para aqueles que apostam no caos social como forma de mudança social, muito menos possibilidade de diálogo com aqueles que acreditam ter a emoção primazia à razão. Para além do que já fora dito, um segundo sentido da pós-verdade, segundo a Academia Brasileira de Letras, está inserido em uma dinâmica própria:

Também pode ser um contexto em que asserções, informações ou notícias verossímeis, caracterizadas pelo forte apelo à emoção e baseadas em crenças pessoais, ganham destaque, sobretudo social e político, como se fossem fatos comprovados ou a verdade objetiva. (Academia Brasileira de Letras, 2021).

Configura-se uma questão muito própria desse tempo transformar informações ou notícias jornalísticas, em aparência de estudo científico. É chamada a atenção justamente para o fato de que, no campo “social e político”, há essa roupagem de verdade objetiva para aquilo que não passa de notícias ou acontecimento pontual, cotidiano e corriqueiro. Não é negada a verossimilidade das informações, mas a forma como elas são abordadas ou apresentadas ao público. Dessa forma, pode-se dizer que a pós-verdade se caracteriza por um relativismo do conhecimento, da verdade, e que afeta emocionalmente o interlocutor mais pelo sentir do que pela razão. Nesse sentido, Kakutani (2018) relaciona o declínio da razão à ascensão da pós-verdade, além de outros fatores como assédio constante à ideia de realidade, uso de “trolls” (pessoas ou robôs que têm por único objetivo criar confusão ou desestruturar uma discussão), guerra cultural, etc. Há uma intencionalidade nessa supremacia do emocional: o desejo de destruir o outro pelo simples fato de ele ser diferente ou de manipular uma população inteira para alcançar objetivos próprios. Tal comportamento revela uma inversão na compreensão de público e privado, socializam-se os prejuízos e, consentindo, privatizam-se os lucros. Além disso, há uma inversão na dialética

do senhor e do escravo hegeliana, dado que a responsabilidade pela violência é sempre da vítima, nunca do algoz ou agressor. Como consequência, temos o fechamento sobre si mesmo ou sobre o grupo que pensa igual, ficando assim refém do eco produzido pela bolha virtual à qual pertence. Pariser (2012, p.19) nos lembra nesse sentido que:

Na bolha dos filtros, há menos espaço para encontros fortuitos que nos trazem novas percepções e aprendizados. A criatividade muitas vezes é atizada pela colisão de ideias surgidas em disciplinas e culturas deferentes. [...] Não só esses encontros fortuitos que estão em risco. Por definição, um mundo construído a partir do que é familiar é um mundo no qual não temos nada a aprender. Se a personalização for excessiva, poderá nos impedir de entrar em contato com experiências e ideias sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Sendo assim, é na diversidade, na multiplicidade que se encontra o conhecimento e o reconhecimento, elementos tão caros à educação e, além disso, o próprio crescimento pessoal distancia-se de um relativismo epistêmico pautado em informações difusas. D’Ancona (2018, p. 09) nos lembra que “pós - verdade não é a mesma coisa que mentira. Os políticos, afinal, mentem desde o início dos tempos”. Aliás o terreno fértil da pós-verdade é o espaço da política, uma vez que ela se vale do jogo emocional argumentativo e a artimanha de usar informações em benefício próprio. Segundo D’Ancona, a pós-verdade traz à tona um dilema a ser enfrentado, a questão é o que fazemos como público em relação à desonestidade dos políticos. A novidade, “não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta pública a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim à convivência” (2018, p.34). E isso é o mais trágico não só na relação política, mas principalmente na educação, no fazer docente e no exercício da autoridade docente, ao pactuar com o que é injusto e ser indiferente frente ao dilema dos indivíduos, aqui se instala a crise.

Outra autora que reforça essa percepção é Santaella: “Inteiramente novo, portanto, é o modo inédito de operar e a grande mudança de escala proporcionada pelo poder de difusão do computador habilitado pelas plataformas de rede sociais” (2019, p.31). Essa autora indica de forma precisa e objetiva a relação das redes sociais com a difusão dessa forma distorcida de tratar, não só a verdade, mas a relação entre as pessoas, e poderíamos acrescentar à docência e tudo o mais que a ela se relaciona. O argumento lógico-racional parece não ter vez frente ao argumento confuso, perguntas imprecisas, permeados de argumentos de emoções. Em outras palavras, a pós-verdade fabrica artificialmente uma realidade e um discurso com a finalidade de convencimento, e pouco ou nada de

reconhecimento. Por vezes esse inimigo é o professor, que em suas aulas é acusado de “doutrinador”, quando na verdade está procurando desenvolver um senso crítico para a vida, ao apresentar fatos históricos e pedagógicos que constituíram o contexto em questão. Dada a complexidade de como as pessoas formam suas compreensões e crenças, o fazer docente desempenha um papel crucial no desenvolvimento de habilidades cognitivas a fim de que possam analisar os conteúdos apresentados e os contextos em que os mesmos são produzidos.

A educação sempre teve uma função imprescindível de educar a razão (FREITAG, 1992). Na contemporaneidade, talvez seja mais urgente tal tarefa, ainda mais quando pensamos o seu papel na era da pós-verdade, que, como já vimos, precisa estar conectada a uma emoção para produzir efeito na razão, ainda que esse efeito não produza um raciocínio lógico e arrazoado. O sentimento necessita ser ordenado, bem como a vivência de uma moral ou ética, seja através de um referencial teórico, seja por meio de vivências. Aliás, sempre é bom lembrar que o indivíduo vive em vista de um convívio social e não as relações sociais existem em vista do indivíduo (FREITAG, 1992). E isso implica dizer que, seja pelo viés da educação ou de uma vivência ética, as individualidades não estão acima do coletivo, as preferências emocionais não se sobrepõem às relações interpessoais.

A sobreposição do individual ao coletivo e, ao mesmo tempo, o domínio do indivíduo pelas grandes empresas de comunicação digital é preocupante. Esta preocupação fica mais evidente no documentário “O Dilema das Redes” lançado em setembro de 2020, no qual especialistas em tecnologia do Vale do Silício alertam para o perigo das redes digitais de comunicação para a humanidade como um todo e nas democracias. Uma vez que, cada vez mais, os aplicativos de celular e algoritmos determinam nossa vida, nossas vontades, nossa forma de pensar, agir e interagir, tornam-nos mercadorias com valor e cotação. O referido documentário publicizou como as grandes corporações que dominam as tecnologias foram transformando os conhecimentos de diferentes áreas das ciências humanas, como psicologia, sociologia, antropologia, psiquiatria e filosofia em ferramentas (algoritmos), que direcionam o querer, o viver, o sentir e o pensar sem que nos demos conta do que está acontecendo. Em outros termos, é o “Capitalismo de vigilância” (ZUBOFF, 2020), atuando de maneira a criar necessidades na vida das pessoas, transformando-as ao mesmo tempo em consumidoras de mercadorias e serviços sem necessidade, ou melhor, criando artificialmente necessidades. Nessa nova configuração, a mercadoria valiosa é o “futuro de

humanos”, ou seja, a partir dos algoritmos é possível prever e direcionar o que as pessoas vão consumir, aonde irão e como se comportarão.

Ter presente essas questões é perceber que, na pós-verdade, há muitas situações influenciando a vida das pessoas e afetando diretamente o espaço de ensino e aprendizagem na sala de aula e nas relações que se estabelecem pelo conhecimento, pelo reconhecimento e o convívio. É nesse substrato relacional que estão inseridas as discussões sobre a autoridade docente e a relação que os professores estabelecem entre si e com os estudantes. A partir dos argumentos apresentados pelos autores sobre o que é a pós-verdade, pode se dizer que esse tempo relativiza a verdade ao mesmo tempo que “se alimenta de mudanças estruturais induzidas pela transição de paradigmas comunicacionais ao longo do último século: do modelo linear [...] para um modelo reticular, materializado na forma de diversas plataformas digitais de sociabilidade (Junior, 2021, 279). E também fica claro que o apelo emocional tem maior influência do que a argumentação racional. Esses dois elementos, racionalidade e emoções são potentes para pensar a autoridade docente em tempo de pós-verdade. Por um lado, porque a autoridade docente está alicerçada num regime de verdade e a credibilidade de seu fazer depende da veracidade do que se ensina. De outro lado, parece que atualmente uma construção de opinião razoável não passa apenas por um raciocínio lógico bem fundamentado, mas, sim, depende do estímulo emocional que provoca.

Essa necessidade ou introdução do elemento emocional é um dos indicativos mais importantes da ligação que a pós-verdade propõe em relação à pós-modernidade, uma vez que as promessas feitas pela modernidade não se cumpriram. Sendo assim, na atualidade se produzem notícias e fatos que possuem uma particularidade específica: a mescla de fatos com apelos emocionais ou a distorção daquilo que era fidedigno, e a isso, dá-se o nome de *fake news*. Uma das características da pós-verdade é a produção das *fake news*, que por sua vez, têm habilidade de articular informações para poder acessar o emocional, fazendo com que o processo de convencimento aconteça por esse viés, mais do que pela razão. Neste momento passamos a pontuar algumas implicações que influenciam a autoridade docente no tempo atual, que muitos autores como Keyes (2018), D’Ancona (2018) e Andriolo (2021) têm afirmado ser de pós-verdade. Como vimos, esse neologismo representa uma influência na forma de pensar e agir em muitas situações da vida cotidiana e em algumas áreas do conhecimento, como é o caso da educação, a questão formativa e a atualização do professor no exercício da docência. O fazer do professor sempre vai acontecer dentro de um tempo histórico determinado e como tal necessita de uma particular atenção já que a verdade

parece ter sido temporariamente substituída por crenças e emoções particulares. Que as tenha não é problema, a questão é quando essas acabam por pautar o próprio processo formativo e a atuação docente.

Dessa maneira o caminho formativo de um(a) professor(a) é processual, longo e nunca está inteiramente acabado, como todo processo formativo que o ser humano faz. Particularmente, quando se fala de formação, estamos nos referindo a muitos anos de estudo acadêmico, uma inserção gradual no exercício em sala de aula, por conseguinte, inserção no exercício da docência. Esse fazer, não raras vezes, está envolto em desafios entre os quais a precariedade dos espaços físicos da docência, negligência ou cobrança excessiva da parte dos pais e descaso do estado para os compromissos com a educação. Muitos acreditam poder dar opinião sobre o fazer de um professor, mesmo que não tenham conhecimento sobre a complexa tarefa docente. Não que isso não possa ou não deva ser questionado para haver melhoria, mas o que estamos percebendo é uma desmoralização da atividade educacional, parecendo haver interesses que vão além do simples fato de desacreditar o fazer dos(as) professores(as). A atividade docente é uma forma de socializar conhecimento, formar senso crítico, o uso da razão e do intelecto.

Afinal, conhecimento é poder, quem tem o conhecimento e o coloca a serviço da promoção da vida das pessoas, além de exercer um princípio ético está formando opinião, está “introduzindo pessoas no mundo”, como nos afirmara Arendt (1992), criando assim capacidade nas pessoas de pensar mais que simplesmente raciocinar. Esse desafio é constante e necessita de muita dedicação ao exercício da docência. Muitas vezes, além da resistência pessoal, o professor encontra em sua tarefa elementos externos a seu fazer que dificultam sua tarefa; é o caso da violência em sala de aula ou em seu entorno. Desse modo, dissertar sobre autoridade docente é também falar de questões relacionadas a poder e violência. Para Charlot (2006. p. 24), a violência envolve palavras, atos e situações que tiram do ser humano a condição de sujeito de sua história,

[...] isto é, onde são negados seus direitos à dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível. Assim definida, a violência é o exato contrário da educação, que ajuda a advir o ser humano, o membro de uma sociedade, o sujeito singular.

É interessante pensar que a ética serve como critério inclusive para avaliar o que chamamos de violência e também o que venha a ser autoridade, uma vez que parte da própria reflexão do comportamento humano em sociedade. Talvez a ética seja um ponto de

inflexão diante da necessidade de refletir sobre a autoridade docente, pois desde já precisamos salvaguardar a questão de que não é possível ensinar ética a alguém. O que podemos é demonstrar, através do processo formativo, a importância de tal estudo para que o indivíduo por si mesmo faça um processo hermenêutico a ponto de compreender as suas implicações para a vida pessoal, para a relação com o outro e para com a natureza. A compreensão do autor coloca a ética como uma referência positiva no processo educativo-formativo, no entanto Andriolo (2021, p. 33) afirma que: “A pós-verdade é relacionada à disseminação de uma ética alternativa (alt. Ethics) que permite a relativização da mentira e das noções de verdade”, isso para que a pessoa que está dissimulando não seja acusada de mentirosa. Por essa razão Keyes (2018) afirma ser a questão da pós verdade primeiramente ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os horizontes se tangenciam, com essa sutileza do toque dos tempos históricos trazer luz ao processo formativo e iluminação para o saber docente; através do tema da autoridade docente e da pós-verdade auxilia a compreender esse tempo histórico em que vivemos e em que a formação de professores está imersa. De modo singular, perceber que o fazer docente precisa de uma atenção primordial uma vez que antes mesmo de ser docente estamos falando de uma pessoa que está imersa nesse tempo denominado de pós-verdade. O ato de interpretação “não é um ato posterior e ocasionalmente complementar à compreensão. Antes, compreender é sempre interpretar, e, por conseguinte, a interpretação é a forma explícita da compreensão” (GADAMER, 2015 p.406). Ou seja, compreender é um dos pré-requisitos para haver uma mudança, uma transformação. O conhecimento sempre está ancorado em uma compreensão temporal, que envolve o conhecimento produzido, mas também as características intelectuais do tempo vigente.

Nosso tempo está colocando em pauta a grande promessa da modernidade, qual seja, uma racionalidade que desse conta das grandes questões da humanidade juntamente com a promessa de se chegar à verdade somente pelo exercício da razão. No entanto, a própria reação da pós-modernidade serviu como elo para a eclosão da pós-verdade, que em seu bojo coloca em suspensão o que é sensível à educação e ao fazer do professor, uma vez que aquilo que o professor ensina em sala de aula em princípio está baseado no discurso da ciência, o qual tem como escopo considerar o saber tido como verdadeiro. Assim, a pós-

verdade relativiza a verdade e se alimenta das mudanças estruturais e comunicacionais de nosso tempo.

As incertezas educacionais perpassam pelo fato de que nesse universo teórico fatos objetivos perderam a importância na formação da opinião e do conhecimento, deixando assim que a sociedade e o senso comum definam o que venha a ser verdade e, por conseguinte, contrapondo-se ao saber do professor ensinado em sala de aula. Vislumbramos daí a possibilidade de que uma crise da autoridade docente, junto com outros fatores apontados por especialistas, tem relação com a violência na escola, uma vez que o emocional acaba influenciando as relações mais do que a própria razão como fonte de conhecimento e reconhecimento. Essa percepção amplia o olhar, abre perspectivas para vislumbrar o fazer docente desde diferentes pontos de vista e implica dizer que as interpretações, sejam atuais ou elaboradas por autores do passado, sempre são possíveis dentro do contexto histórico vivido, até por que: “Na verdade, não é a história que nos pertence, mas somos nós que pertencemos a ela” (GADAMER, 2015, p. 368). A observação do autor desloca a centralidade da pessoa para um processo vivencial temporal do qual todo vivente faz parte. E é nesse tempo que temos a percepção de que há uma mudança na forma de tratar a autoridade e, em nosso caso, a autoridade docente e esta se relaciona à pós-verdade. Uma mudança radical das promessas não cumpridas da modernidade que acreditou que a racionalidade dura e rígida iria resolver os problemas da humanidade. Isso não aconteceu, apenas revelou a importância do equilíbrio entre razão e emoção e que deixar a emoção conduzir a história pode ter consequências pouco edificantes.

Por fim, gostaríamos de retomar a gravura “Verdade Morreu” de Goya que propomos no início de nosso escrito, posto que ela nos lembra que, diante da morte da verdade, estão presentes muitas autoridades. E nesse tempo de pós-verdade poderíamos nos perguntar se a dita suspensão da verdade não significa também a corrosão da própria autoridade, ou seja, na medida em que o falante desabilita a verdade, ele também não se torna vítima de sua própria enunciação fraudulenta? Desse modo, são múltiplas as influências e interferências na autoridade docente e, em tempos de significativas mudanças, precisamos ter referenciais que saibam equilibrar razão e emoção, tendo em vista uma educação que responda aos desafios do chão da vida e do tempo presente.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.** (s. d.). Pós-verdade. <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>
- ANDRIOLO, E. V. A ESTRATÉGIA PÓS-VERDADE:** táticas de deslegitimação. Curitiba: Appris, 2021.
- ARENDT, H.** Filosofia e política. In: Abranches, A. (Org.). A dignidade da política. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- HOBSBAWM, E. J. ERA DOS EXTREMOS:** o breve século XX: 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JUNG C. G. A.** Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1982.
- EAGLETON, T.** A ilusão do pós-modernismo. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CHARLOT, B.** Prefácio. In: **ABRAMOVAY, M.** et al. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: Unesco, Observatório de Violências nas Escolas, MEC, 2006, p. 17-25. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000179.pdf>
- DUNKER, C.** Subjetividade em tempo de pós-verdade. In.: **DUNKER, C.** (Org.). Ética e pós-verdade. Dublinense, p. 10-41, 2017.
- FREITAG, B. ITINERÁRIOS DE ANTÍGONA:** questões de moralidade. São Paulo: Paulinas, 1992.
- GADAMER, H.-G. VERDADE E MÉTODO:** Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. v. I. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- GARCIA-SILVA, S.; JUNIOR, P. L.** O papel da violência escolar no abandono da carreira docente: proposta de uma matriz analítica. Revista Educação e Pesquisa, V. 48, p. 1-18, 2022. <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/195968>
- HARARI, Y. N.** 21 lições para o século 21. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- GOYA, F.** A verdade morreu. Coleção “Los desastres de la guerra”(1814). InfoGoya 96. Universidade de Zaragoza. <https://goya.unizar.es/InfoGoya/Obra/DesastresIcn.html>
- JUNIOR, G. C.** “Ver o que temos diante do nariz requer uma luta constante”: A pós-verdade como desafio à Educação na Era digital. Revista Educação Técnica Digital, v. 23. Jan./mar. p 273-289. 2021. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8656236>
- OXFORD LANGUAGES.** Word of the Year 2016. Oxford University Press. (s. d.). <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>

PARISER, E. O filtro invisível. O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PLATÃO. (s. d.). Górgias. Trad. Carlos Alberto Nunes. <http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/retorica/platao-gorgias.pdf>

KEYES, R. **A ERA DA PÓS-VERDADE:** desonestidade e enganação na vida contemporânea. Trad. Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018.

SANTOS, B. de S. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Ed. Almedina, S.A., 2020.

SANTANELLA, L. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? São Paulo: Estação das letras e Cores, 2019.

SCHWAB, K. A quarta revolução industrial. São Paulo: Edipro, 2016.

TESICH, S. A government of lies (political ethics). The Free Library. The Nation. 6 de janeiro de 1992. <https://www.thefreelibrary.com/A+government+of+lies.-a011665982>

ZUBOFF, S. **A ERA DO CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA:** A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Trad. George Schlesinger. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.